

## **A TAPERA DA VÓ ERNESTINA: PATRIMÔNIO, IDENTIDADE E TERRITÓRIO EM UMA PERSPECTIVA AFRODIASPÓRICA**

THIAGO BARWALDT CARDOZO<sup>1</sup>; RITA JULIANA SOARES POLONI<sup>3</sup>

<sup>1</sup> UFPEL – *tbc.faculdade@gmail.com*

<sup>3</sup>UFPEL – *julianapoloni@hotmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho investiga a relevância simbólica e política da Tapera da Vó Ernestina, líder quilombola a quem se deve o surgimento do Quilombo Vó Ernestina, em Morro Redondo, RS. Embora a estrutura física da tapera já não exista, argumenta-se que ela permanece como referência central na construção de identidade, memória e território para a comunidade quilombola. A pesquisa parte da compreensão de que, no contexto da diáspora africana, marcado por deslocamentos forçados, transitoriedade e violências históricas como a escravidão, a materialidade não é o único elemento definidor de um patrimônio cultural. Como aponta Sampeck e Ferreira (2020), “quilombos são paisagens heterogêneas nas quais quilombolas sempre se deslocam, construindo suas narrativas sobre o passado e suas materialidades cotidianas”. O objetivo é analisar como a memória da tapera atua como marcador territorial e elemento de resistência cultural. Durante a preparação deste resumo, foi utilizada inteligência artificial para transcrever e estruturar, em forma escrita, a narrativa oral do trabalho. Essa medida visou garantir a fidedignidade e a clareza do conteúdo, considerando necessidades específicas de comunicação do autor principal. Após essa etapa, todo o material foi revisado e editado pelos autores de acordo com o método científico, que assumem integral responsabilidade pelo conteúdo final desta publicação.

### **2. METODOLOGIA**

A investigação foi conduzida a partir de uma abordagem interdisciplinar, articulando procedimentos etnográficos, arqueológicos e de geotecnologia. Inicialmente, realizou-se a coleta de depoimentos por meio de histórias de vida com moradores e lideranças do Quilombo Vó Ernestina, visando à construção de uma cartografia da memória social associada à tapera.

Em paralelo, efetuou-se levantamento topográfico e georreferenciamento da área por meio de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), possibilitando a delimitação espacial do território reivindicado. A prospecção arqueológica seguiu protocolos de prospecção sistemática, com o intuito de identificar vestígios materiais remanescentes da estrutura original e de ocupações associadas.

O mapeamento aéreo foi realizado por meio de veículos aéreos não tripulados (VANTs), com captura de imagens de alta resolução, permitindo a identificação de

padrões de vegetação, depressões topográficas e anomalias superficiais indicativas de estruturas pretéritas.

Por fim, as informações coletadas foram integradas para a elaboração de modelos tridimensionais e reconstruções digitais hipotéticas da Tapera da Vó Ernestina, combinando dados arqueológicos, registros iconográficos e narrativas orais. Essa estratégia metodológica busca não apenas documentar o patrimônio ausente, mas também oferecer subsídios visuais e técnicos para o fortalecimento das reivindicações territoriais e do reconhecimento patrimonial da comunidade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados indicam que, apesar da ausência física da construção, a Tapera da Vó Ernestina segue sendo um marco identitário e político. Ela atua como ponto de ancoragem da memória coletiva e como símbolo da luta pelo reconhecimento e demarcação territorial. A ausência material, longe de significar esquecimento, reforça a resiliência cultural da comunidade, cuja relação com o território se baseia tanto na história oral quanto nas práticas cotidianas. Essa compreensão corrobora a visão de Sampeck e Ferreira (2020) de que, na diáspora, os territórios são móveis e, ao mesmo tempo, profundamente enraizados em referências simbólicas.

### 4. CONCLUSÕES

O estudo evidencia que a importância da Tapera da Vó Ernestina transcende sua materialidade, inserindo-se em um campo de disputas por memória, território e identidade. A análise reforça a necessidade de políticas de patrimônio que reconheçam a complexidade das territorialidades afrodiaspóricas, especialmente em contextos onde o apagamento físico não equivale ao apagamento cultural.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, C. (2011). A Vida Social das Coisas e o Encantamento do Mundo na África Central e Diáspora. *Métis: história e cultura*, 10 (19). 165-185.

BALANDIER, G. (1969). *Antropologia Política*. São Paulo: EDUSP.

CÂMARA, G., Davis, C., Monteiro, A. M. V. *Introdução à Ciência da Geoinformação*. São José dos Campos: DPI/INPE, 2001.

COSTA E SILVA, A. (2003). *Um Rio Chamando Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LONGLEY, Paul; GOODCHILD, Michael; MAGUIRE, David; RHIND, David. *Sistemas e Ciência da Informação Geográfica*. Porto Alegre: Bookman, 3ªed, 2013.

SAMPECK. K. E.; FERREIRA, L. M. Delineando a Arqueologia Afro-Latino-Americana. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 141–168, 2022. DOI: 10.31239/vtg.v14i1.13895. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/13895>. Acesso em: 15 ago. 2025.

TEIXEIRA-BASTOS, MARCIO ; FERREIRA, LUCIO MENEZES ; HODDER, IAN . Isso não é um artigo: dialogando com Ian Hodder sobre a virada ontológica em Arqueologia. *Revista de Arqueologia*, v. 33, p. 118-134, 2020.